

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

A PAISAGEM CULTURAL DO WATU, O RIO DOCE, E OS BORUM KRENAK

Edileila Maria Leite Portes (edileilaportes@gmail.com)

Luiz Oosterbeek (loost@ipt.pt)

A partir de uma caminhada etnográfica pelo Território Krenak, faixa de terra habitada pela sociedade nativa Borum Krenak, localizada na Região Leste de Minas Gerais, Brasil, percebemos a ligação deste espaço com o cosmos Borum, pensamento que rege esta sociedade eivada de mitos e ritos. Carregado de significados e sentidos, um dos componentes desta ontologia é o Watu, na língua Borum, o “Rio Doce”, o “Rio Grande”. Espaço físico/material transitando no espaço cultural/espiritual, o Watu é percebido como um ente vivo, fonte de vida e centro de regenerescência e purificação. Apoiada na observação participante (PORTES, 2011; SILVA, 2006) e nas reflexões teóricas a partir da Geografia Cultural (HASBAERT, 2006; ROSENDAHL, 1996), das epistemologias indígenas (VIVEIROS DE CASTRO, 2006; ROSSE, 2007; LAGROU, 2009) e na poética do espaço (BACHELARD, 2003), vislumbramos

valores que se conectam para formar uma paisagem cultural onde a natureza e a cultura são indissociáveis.

Nesta perspectiva, o Watu transcende a função de recurso hídrico para se tornar um dispositivo de identificação e pertencimento; mergulhar em suas águas antes de um ritual ou de uma partida de futebol é, para os Borum, uma ação que sacraliza o corpo e o conecta aos ancestrais. Contudo, essa paisagem mental e espiritual sofre com a tensão e confronto de propósitos da gestão tecnicista do rio, como a construção de barragens que represam não apenas o fluxo das águas, mas as próprias memórias e a percepção de purificação espiritual do povo.

O estudo propõe, portanto, que a gestão deste território deve abandonar metas meramente técnicas para reconhecer o Watu como o pilar de um sistema simbólico dinâmico que importa não apenas respeitar, mas considerar como contributo para as estratégias de sustentabilidade (OOSTERBEEK, 2017). Compreender os sentidos atribuídos ao Rio permite redesenhar a percepção da paisagem, transformando a resistência Krenak em uma estratégia ética de salvaguarda do patrimônio, onde o rio Doce é o próprio quadro explicativo da vida e da permanência da "essência do ser" Borum no Território Krenak, "cabeça na Terra", e no próprio Planeta. Não se trata de substituir uma visão por outra, ou de ignorar que existem tensões e oposições na valorização do Rio, por parte de distintas comunidades. Trata-se de tornar explícitas as motivações de cada uma, reconhecendo convergências, delimitando melhor as contradições que irão perdurar e construir de forma integrada planos de gestão que não comprometam, em absoluto, qualquer delas. Essa abordagem se inscreve na lógica da Ciência da Sustentabilidade (UNESCO, 2017) e nos objetivos da Década das Ciências para o Desenvolvimento Sustentável, aprovada pelas Nações Unidas.

Palavras-chave: watu; paisagem cultural; território krenak; patrimônio; gestão.